


A MULHER NEGRA NA OBRA “A FALÊNCIA” DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ANÁLISE DA PERSONAGEM SANCHA E O PAPEL DA MULHER NEGRA NO FINAL DO SÉCULO XIX**THE BLACK WOMAN IN THE WORK “A FALÊNCIA” BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ANALYSIS OF THE SANCHA CHARACTER AND THE ROLE OF THE BLACK WOMAN AT THE END OF THE 19TH CENTURY** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.039-017>

Francisca de Sousa Vasconcelos
Mestranda em Literatura PPGL-UFMA
E-mail: Francisca.sv@discente.ufma.br

José Dino da Costa Cavalcante
Prof. Dr.
Estudos Literários - Universidade Estadual Paulista - UNESP

RESUMO

Neste artigo será analisada a representação da mulher negra no final do Século XIX, período em que o Brasil passava por grandes transformações sociais, uma delas o declínio do café no sul do país, tais mudanças refletiram nos valores e costumes. Apesar de nesse período a escravidão já ter sido abolida, os ex-escravos agora sofriam de outras mazelas: abandono por parte do estado, perseguição das autoridades de segurança, falta de moradia e emprego. Dentro desse contexto iremos analisar a personagem Sancha dentro da obra de Júlia Lopes de Almeida, que mesmo sendo uma mulher conseguiu publicar obras relevantes para o período e que nos permite ter acesso à realidade de mulheres de diferentes classes sociais da época. A partir da perspectiva de Sancha adentraremos na vivência de uma mulher preta e todas as suas duras experiências para sobreviver em um período em que ser mulher já não constituía uma tarefa fácil, e ser mulher e preta então, era um atestado de que a vida, por si só, seria um infortúnio. Para este fim buscaremos respaldo teórico nos estudos de Bell Hooks (2019), Schwarcz (1987), Djamilla Ribeiro (2019), Gonzalez (2020), entre outras, que ao longo de suas trajetórias de vida e acadêmica sempre empreenderam grandes esforços na luta pela visibilidade da mulher negra e o respeito aos seus corpos como dignos e capazes de ocuparem todo e qualquer espaço.

Palavras-chave: Mulher Negra; Júlia Lopes de Almeida; Feminismo Negro.

ABSTRACT

This article analyses the representation of Black women at the end of the nineteenth century, a period in which Brazil was undergoing major social transformations, among them the decline of coffee production

in the south of the country. Such changes were reflected in social values and customs. Although slavery had already been abolished during this period, former slaves now faced other hardships: abandonment by the state, persecution by law enforcement authorities, and a lack of housing and employment. Within this context, we will examine the character Sancha in the work of Júlia Lopes de Almeida, who, despite being a woman, managed to publish significant works for her time—works that allow us to access the reality of women from different social classes of that era. Through Sancha’s perspective, we enter the lived experience of a Black woman and all her harsh struggles to survive in a period when being a woman was already far from easy; being a Black woman, then, amounted to proof that life itself would be an ordeal. For this purpose, we draw theoretical support from the studies of bell hooks (2019), Schwarcz (1987), Djamila Ribeiro (2019), Gonzalez (2020), among others, who throughout their personal and academic trajectories have made great efforts in the struggle for the visibility of Black women and for the recognition of their bodies as worthy and capable of occupying every space in society.

Keywords: Black Woman; Júlia Lopes de Almeida; Black Feminism.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Júlia Lopes de Almeida, *A falência*, foi publicada no final do Século XIX, no ano de 1901, período em que a Escravidão no Brasil já havia sido abolida, graças aos grandes esforços de movimentos abolicionistas que lutaram incansavelmente para que a Lei Áurea fosse assinada. Ainda assim, todos os horrores desse período vergonhoso da história iriam continuar reverberando nas vidas daqueles que pela lei já não eram mais cativos.

Schwarcz (1987) pontua que “com o final da escravidão era jogada no mercado uma grande massa que agora tinha direito à cidadania (já que, sendo a Constituição de 1824, índios e escravos não eram considerados cidadãos).” Como destaca a autora, a abolição, embora tenha sido uma grande conquista para todos, em especial a população negra, trouxe consigo uma série de problemas que o Estado brasileiro sequer pensava em resolver, e assim, essas pessoas saíram de um cativeiro físico para outro simbólico e que se arrasta até os tempos atuais.

Analisar a mulher negra representada na obra de Júlia Lopes de Almeida tem grande relevância acadêmica, como também um forte impacto social, sobretudo pela interseção entre literatura, gênero, raça e memória no contexto brasileiro. A obra *A Falência* (1891), escrita por uma das pioneiras da literatura realista-naturalista no Brasil, constitui-se como um importante documento literário da passagem do século XIX, período de importantes transformações sociais, como já dito anteriormente, o fim da escravidão (1888), e o início da República (1889).

No entanto, apesar do reconhecimento quanto à qualidade estética e à crítica social presente no romance, ainda há poucos estudos que exploram de forma sistemática a presença e o papel de mulheres negras na narrativa, como a personagem Sancha, empregada das tias de Camila. Essa lacuna evidencia uma negligência persistente, que tende a invisibilizar figuras negras, especialmente em se tratando das mulheres, enquanto sujeitos históricos e agentes sociais.

A análise da personagem Sancha, por exemplo, permite investigar como Júlia Lopes de Almeida representou, mesmo que de forma secundária, a mulher negra no contexto pós-escravidão. É possível observar, como aponta a historiadora Lilia Schwarcz (1987), que o Brasil viveu uma “abolição sem inclusão”, em que a população negra, liberta juridicamente, permaneceu à margem das políticas sociais, econômicas e culturais. Dentro desse contexto, a literatura funciona como espaço de naturalização ou de questionamento das hierarquias sociais. A forma como a mulher negra aparece na obra — suas funções, falas, ausências e estigmas — refletem e ao mesmo tempo reforça as desigualdades estruturais que se seguem até hoje.

O romance *A falência* contribui para descolonizar os estudos literários, questionando a centralidade das personagens brancas e abrindo espaço para uma crítica mais inclusiva e plural. Lélia Gonzalez nos adverte que, a mulher negra brasileira tem sido marcada por uma dupla opressão — de gênero e de raça — e frequentemente hiperssexualizada, invisibilizada ou relegada a funções subalternas na cultura. Em um de seus ensaios, a autora questiona: “Por que será que no teatro, no cinema ou na televisão as atrizes negras só vivem personagens secundárias e subalternas (sobretudo como empregadas domésticas) ou, quando muito, personagens que fazem o gênero “erótico-exótico”? (Gonzalez, 2020) Estudar como essas construções aparecem no cânone literário é essencial para entender a continuidade desses estereótipos e sua reprodução simbólica ao longo da história.

2 SANCHA: UM RETRATO DA MULHER NEGRA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Em uma coletânea intitulada *Pensamento Feminista brasileiro* (2019), organizada pela escritora Heloísa Buarque de Holanda, a Escritora Júlia Lopes de Almeida é apresentada como uma autora, “nome permanece silenciado na historiografia literária”. Apesar de ter vários livros esgotados na época, Júlia não poderia gozar das mesmas alegrias que seus colegas homens, mesmo tendo ajudado a fundar a Academia brasileira de Letras, foi impedida de ocupar um lugar ao qual teria sido indicada, um retrato clássico de como a mulher era vista no Século XIX.

O romance *A falência*, escrito por Júlia, traz além de fortes críticas a instituições familiares, panorama da sociedade do café, uma forte representação feminina. Camila, personagem central da obra é apresentada como uma mulher que tem suas próprias vontades, desejos bem delineados e tantas outras características que fugiam completamente do que era esperado de uma dama das alta sociedade da época.

No entanto, o enfoque aqui será outra personagem desse mesmo romance: Sancha, uma mulher (ou seria menina?) negra, que na trama não desenvolve grande protagonismo, mas para o objeto deste artigo, é o que a torna tão interessante para a nossa análise.

Sancha aparece a primeira vez na obra, desta maneira: “Quando Noca bateu à porta, ouviu gritos dentro: e calculou logo que haviam de ser da Sancha, a negrinha órfã que d. Itelvina explorava nos arranjos da casa.” (Almeida, p.29, 2019). A partir desta apresentação já é possível perceber que Sancha não desempenhará grande importância para o enredo que se segue, visto que, ela não passava de uma serviçal sem qualquer perspectiva de evolução dentro da obra. Ainda assim, essa personagem tem um grande valor para a discussão presente, pois através da forma como foi representada pela autora é possível traçar um perfil de como a mulher negra era vista naquele período: silenciada, oprimida e funcional para atender ao conforto da elite branca. Sobre essa questão, Gonzalez vem nos dizer que “nesse mesmo período, o racismo se constituía como a ciência da superioridade eurocristã (branca e patriarcal).” (Gonzalez, 1988). Apesar de a obra ter sido escrita por uma mulher, que também era vítima de uma opressão de gênero, a mesma não parecia estar consciente da posição, ainda mais inferiorizada, das mulheres prestas naquela sociedade.

É inegável a visão progressista da escritora em relação ao papel da mulher em seu tempo, no entanto, essa mulher era branca e pertencia a uma elite social, da qual a personagem Sancha não fazia parte, pois era negra, nessa perspectiva podemos inferir que Júlia Lopes de Almeida, ainda que fosse uma mulher visionária e a frente do seu tempo, estava aquém das injustiças que atravessavam as mulheres negras no período pós-escravidão. O racismo estrutural e o sexismo que estavam contidos nessa experiência é claramente ilustrado através da personagem analisada, pois sofria constantes maus tratos, humilhações e apagamentos, e apesar de ser vista em alguns momentos como alguém digna de piedade, nada de substancial fora feito pelas protagonistas da trama para que ela fosse capaz de sair daquela situação degradante

Quem lhe abriu a porta foi a Sancha, sempre de olhos inchados e a roupa em frangalhos. Mal deu com os olhos em Noca, a negrinha sorriu, perguntando pela sua encomenda.
- Que encomenda, gente?
- A senhora já se esqueceu, tornou a preta a meia voz, o arsênico que eu pedi... (Almeida. P.132. 2019)

Bell hooks (1981) e Angela Davis (1983) denunciam a exclusão das mulheres negras tanto dos movimentos feministas brancos quanto dos movimentos antirracistas liderados por homens. A causa da mulher negra nunca foi a causa do movimento feminista em sua origem, e por isso, fez-se necessário que mulheres negras iniciassem um movimento a partir movimento antirracista, pela inserção dos direitos e pautas das mulheres pretas dentro do movimento feminista, por isso que o pensamento dessas autoras é indispensável quando o assunto é a representação da mulher preta, pois houve durante muito tempo uma tentativa de manutenção dos papéis subalternizados dessas mulheres em obras de ficção, parafraseando

Cândido (2006), quando nos apresenta a ficção como uma representação da sociedade, está claro que a intenção era de que essa mulher permanecesse invisível, cabisbaixa e sem nenhuma possibilidade de ascensão social. Por isso, a intelectual norte americana, Angela Davis, um dos grandes expoentes na luta e conquista dos direitos das mulheres, relata:

De acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas: 38,7% na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias e ínfimos 2,8% em manufaturas [2]. As poucas que encontraram emprego na indústria realizavam os trabalhos mais sujos e com os menores salários. (Daves, p.113, 2016)

Embora os dados apresentados por Davis, sejam dados americanos, a realidade brasileira não era tão diferente, pois apesar do Romance ter sido publicado mais de uma década após a abolição da escravatura (1888), ele reflete o que Schwarcz (1987) denomina de “abolição sem inclusão”. A liberdade legal concedida aos negros não resultou em inserção social, econômica ou cultural. As mulheres negras, em particular, foram relegadas aos mesmos trabalhos de cuidado e servidão que exerciam durante a escravidão, agora sob o manto da "empregada doméstica", situação essa que permanece, tendo em vista que, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio (Pnad) de dezembro de 2023, o país tem 6,08 milhões de empregados doméstico. Destes, 5.539 milhões são mulheres (91,1%). Os dados da Pnad mostram ainda que a grande maioria são mulheres negras, com média de idade de 49 anos e apenas 1/3 têm carteira assinada, recebendo em média um salário-mínimo.

A personagem Sancha, empregada doméstica das tias da protagonista em *A falência* (1901), representa o retrato da mulher negra na literatura brasileira oitocentista: subalterna, funcional, silenciosa. Apesar de sua presença ser discreta e passageira, sua figura permite enxergar camadas profundas de exclusão social, racial e de gênero, inserindo-se no que Crenshaw (1989) define como a sobreposição de opressões que marcam a vivência das mulheres negras, criando o conceito que viria a se tornar tão discutido em nossos dias, o de interseccionalidade, nas palavras de Kimberlé:

desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (Crenshaw, 1991, p. 54)

Sancha, negra, empregada doméstica, explorada por d. Itelvinda e d. Joana, retratos fiéis da burguesia da época, duas velhas carolas, que gastavam o tempo em assistir missas e vigiar a vida alheia, não davam conta de realizar as próprias tarefas e não concebiam pagar um salário justo para que alguém os fizessem. Dessa forma, o que se seguia era uma exploração interminável:

A MULHER NEGRA NA OBRA “A FALÊNCIA” DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ANÁLISE DA PERSONAGEM SANCHÁ E O PAPEL DA MULHER NEGRA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Ruth, em fraldas de camisa, de pernas nuas, saltou para o chão, com um movimento de cólera; e saiu para a sala de jantar; já não havia luz; guiada por uma claridade frouxa, do fim do corredor, correu para a cozinha, onde a D. Itelvina surrava a pequena com uma vara de marmeleiro. A negrinha mal se livrava com os braços tapando o rosto e abaixando a cabeça. Ruth saltou para o meio do grupo e segurou a vara que ia descaindo sobre a carapinha da outra. (Almeida, 2019, p.140)

Legalmente, não havia mais escravidão no Brasil, tecnicamente, não existia mais negros escravizados, mas será que era essa a verdade? Após a promulgação da Lei áurea nenhuma política foi criada para minimizar os horrores da escravidão, pior que isso, leis foram instauradas para que pessoas pretas sofressem severas punições, como a lei da vadiagem, que encarcerava pessoas que estivessem nas ruas sem trabalhar, ora, todos sabiam quem eram essas pessoas, não tendo opções, o que restava era suportar os mais cruéis abusos e castigos, como os sofridos por Sancha, que sem alternativa passava seus dias entre lamentos e soluços nas mãos das duas tias cruéis.

A negrinha tinha-se refugiado a um canto, perto do fogão, e exagerava as dores, torcendo-se toda, amparada pela compaixão da Ruth. D. Itelvina avançou os dedos magros, e, agarrando-a por um braço, puxou-a para si; a sobrinha então abraçou-se à negrinha, unindo a sua carne alva, quase nua, ao corpo preto e objecto da Sancha. (Almeida, 2019.P. 144)

A cultura dominante tem reiteradamente posicionado mulheres negras como "corpos para o trabalho", retirando-lhes a subjetividade. Em A falência, essa representação se mantém igual. Sancha não possui nome completo, nem família, nem desejos, totalmente invisibilizada, não há complexidade alguma em suas poucas aparições no decorrer da trama, toda a sua existência gira em torno de servir as duas senhoras, que apesar de hipócritas e mentirosas desfrutam de uma vida razoavelmente tranquila e não sofrem nenhum tipo de punição por todas as maldades que praticam contra a moça. A presença de Sancha serve apenas como pano de fundo para que os dramas das personagens brancas se desenvolvam. Djamila Ribeiro (2018), propõe o conceito de "lugar de fala" como uma ferramenta para evidenciar a produção de conhecimento a partir das vivências de mulheres negras. Esses referenciais teóricos fundamentam a crítica à representação limitada e estereotipada da mulher negra em A falência, bem como a necessidade de resgatar essas personagens como sujeitos históricos e sociais. A personagem apresentada na obra não tem lugar de fala, pois ninguém a quer ouvir, suas dores são minimizadas e colocadas em um canto escuro da casa, como ela mesma era posta, sobrando-lhe apenas o desespero e uma tentativa de fuga, seja ela qual fosse:

Quero pedir um favor, disse a negrinha, meio engasgada, tirando do seio uma nota de quinhentos réis amarrotada e imunda.
- Que favor, gente?
- Quando voltar cá, traga isto de arsênico, disse ela apontando o dinheiro que oferecia à mulata.
- Arsênico... pra quê?! você tá doida?!...
- Pra nada! faça esta esmola... (Almeida, 2019. P,29)

Nesse excerto do Romance, após a personagem Sancha ser exposta de forma extremamente desumanizada, sendo agredida fisicamente por uma das patroas, e ser descrita como um animal, de corpo objecto, algo que causa nojo, que por si só não é digno de cuidado, de ser amado, de ser desejado, o desespero invade e ela está disposta a ir as últimas consequências para sair daquela situação degradante. Embora haja uma reação de acolhimento por parte da sobrinha de d. Joana e Itelvina (Almeida, 2019).

Essa reação é apenas momentânea, que se esvai no decorrer da trama, mostrando a devida desimportância que tinha uma mulher negra. Neste ponto do romance, o leitor até se enche de esperança, uma expectativa se forma em volta dessa “boa menina” que tão generosamente defende Sancha das tias, no entanto ao desenrolar da trama a personagem some em meio aos outros personagens, suas histórias e dramas importantes, tal qual a sociedade da época. A nossa autora, não estava preocupada com os dilemas sociais das mulheres negras, tampouco o verdadeiro suplício vivenciado por elas naquela sociedade, a causa de Júlia era representar apenas a fatia da sociedade a qual ela estava inserida: mulheres brancas e burguesas, sobre isso, Cândido (2006), em seu ensaio A literatura e a vida social, discute qual seria o papel do escritor e que, em grau maior ou menor forças sociais guiam o artista e que cabe a ele decidir se determinada obra vai ou não se tornar um bem coletivo. Ao apresentar uma personagem negra completamente submissa e desprovida de qualquer complexidade humana, Júlia contribui para o apagamento e a reprodução dos costumes racistas e da propagação da imagem da mulher negra como subserviente, com um grau cognitivo inferiorizado e sem uma existência que lhe fosse própria.

Frantz Fanon (2008) analisa os efeitos psicológicos e sociais da colonização, incluindo o processo de desumanização dos povos negros. No contexto de A falência, seus estudos são importantes para constatar como a figura da mulher negra é construída a partir da perspectiva do olhar branco, eurocentrado e patriarcal, reforçando estereótipos e hierarquias raciais.

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável. (Fanon, 2008. P.125)

O negro era visto como sinônimo de tudo aquilo que era mal, indigno e incapaz de realizar algo relevante para a sociedade, exatamente por isso, a ele era atribuído o trabalho doméstico, no pós escravidão, esse trabalho quase nunca era remunerado, oferecia-se um teto, pouca comida e todo o trabalho, além de humilhação e desumanização. Desumanizar era uma das formas utilizadas para justificar os maus tratos e violência que era infringida as pessoas pretas naquele período, como uma forma de eximir da culpa àqueles que permaneciam explorando homens e mulheres pretas, como é o caso da personagem em análise. Toda uma estrutura, tão bem organizada, um verdadeiro contrato social silencioso que fazia com que toda uma sociedade agisse de forma sincronizada a tal ponto de fazer acreditar, as próprias vítimas, de que elas eram

culpadas de estarem naquela situação. Sancha pensa em tirar a própria vida, pois sabe que não há outra saída, não exerga horizonte onde ela possa existir como pessoa humana, capaz de ter uma vida digna e ser respeitada em sua subjetividade.

Júlia Lopes de Almeida foi uma das primeiras romancistas realistas brasileiras e teve um papel pioneiro na crítica social dentro da literatura. Apesar disso, a autora foi por muito tempo negligenciada pela crítica literária, em parte por ser mulher e tratar de temas ligados ao cotidiano doméstico, relações familiares e questões sociais, o que não se enquadrava nos padrões do cânone masculino da época. Com o avanço dos estudos de gênero e da crítica feminista, sua obra tem sido revisitada, especialmente pela sua sensibilidade em retratar os dilemas da sociedade brasileira da virada do século. No entanto, a autora se omite quando o assunto é a representação da mulher negra, quando apresenta uma personagem inferiorizada que não tem nenhuma chance contra as duas patroas que também são suas algozes, revelando aquilo que Daves (2016) já denunciava nos EUA, a omissão dos autores em relação a pauta das mulheres pretas, e por isso o feminismo negro surge para que elas ganhem voz e representatividade.

Quem, entre nós, aguardava com ansiedade uma análise séria sobre as mulheres negras durante o período da escravidão permanece, até o momento, decepcionado. Igualmente decepcionante tem sido a descoberta de que, com exceção do tema tradicionalmente debatido sobre promiscuidade versus casamento e sexo forçado versus sexo voluntário com homens brancos, os autores dessas novas obras têm dado atenção insuficiente às mulheres. (Daves 2016. P. 23)

Conforme afirma Ângela Daves, havia uma omissão por parte da maioria dos autores, o que se pode observar também na escrita de Júlia Lopes, que até insere uma personagem de cor, mas sempre corroborando para o pensamento eurocêntrico, que inferiorizava ou focava em aspectos negativos de pessoas pretas. A presença de uma personagem negra em *A falência*, claramente, não objetiva fazer uma crítica, mas sim reforçar um comportamento amplamente aceito pela sociedade burguesa da época.

Sancha apareceu, com os beijos inchados pelo excesso do choro, e, dependurando a chave da porta da rua, segura pela argola a um prego na sala, olhou com ar de queixa muda para a Noca. A negrinha não teve resposta: a outra disfarçava, contemplando as paredes nuas e desbotadas da sala. Pela janela aberta via-se parte de um paredão desmoronado, e lá embaixo, em um fundo largo e fresco, um trecho de mar muito azul. D. Joana entrou, arfando de cansaço, e sentou-se logo na primeira cadeira, ao pé da porta. Sancha tirou-lhe a touca, guardou-lhe o livro e os rosários, e sumiu-se, sem ter descerrado os lábios nem enxugado os olhos vermelhos e inundados. (Almeida, 2019.P. 27).

Almeida (2019), ao se referir a Sancha, diversas vezes, se utiliza do termo pejorativo “a negrinha”, palavra que reduz a personagem, minimiza e apaga toda a possibilidade o leitor a enxergá-la como alguém com alguma relevância para o desenvolvimento da trama, ela se faz presente apenas para reforçar papéis previamente estabelecidos. Enquanto Camila e outras mulheres da narrativa se apresentam como

subversivas e revolucionárias, nossa personagem não terá a mínima chance de fazer parte daquele ciclo, uma mensagem velada de que apenas mulheres brancas faziam parte do feminismo da autora.

Crenshaw (1989), ao introduzir o conceito de interseccionalidade, oferece uma chave interpretativa fundamental para analisar as múltiplas opressões vividas por mulheres negras, considerando os eixos de gênero, raça e classe como inseparáveis. No contexto literário, essa perspectiva permite observar como personagens como Sancha, empregada das tias de Camila, são silenciadas ou relegadas a funções de subalternidade, refletindo uma estrutura social excludente. De maneira assertiva, Crenshaw (2002) define a metodologia interseccional da seguinte maneira:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativo do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Analisar Sancha pelo viés da interseccionalidade ajuda a compreender, exatamente, onde a personagem estava localizada na escrita de Almeida. Mulher, preta, pobre e sem direitos assegurados pela Lei, ou seja, no mínimo quatro tipos de opressões diferentes se sobrepunham a nossa personagem. A quem ela poderia recorrer? Onde ela poderia denunciar os abusos que sofria? Com quem ela poderia contar? De acordo com a obra de Júlia Lopes, apenas uma criança parecia estar preocupada com a situação de Sancha, e no entanto, ela nada poderia fazer para reverter, o que nos leva a pensar que aquela situação degradante, não era tão grave quanto parecia, que não deveria preocupar as mentes de pessoas adultas, ou seja, daqueles que realmente poderiam fazer algo de substancial para reverter o sofrimento dela.

Foi no meio do silêncio da casa, que irromperam de repente, lá do fundo, uns gritos lancinantes. Ruth sentou-se na cama, com os olhos arregalados.
- Que é isto, tia Joana?!
- Não é nada... há de ser a maninha batendo na Sancha...
- Meu Deus!
- Não é nada, dorme minha filha!
- Oh!...tia Joana, vá lá dentro...peça a titia pra não dar na coitada! - Eu?! não... a negrinha merece... maninha não gosta de intervenções... Sancha faz espalhafato à-toa. Almeida, 2019. P.140)

Bell Hooks (1981) e Lélia Gonzalez (1984) reforçam a crítica à invisibilização das mulheres negras tanto nas narrativas literárias quanto nos movimentos feministas tradicionais. Para Hooks a cultura hegemônica representa a mulher negra de forma estereotipada e desumanizante, enquanto Gonzalez analisa o “lugar social” da mulher negra brasileira como resultado da colonização, da escravidão e do racismo estrutural. Sobre esse aspecto, destaca Hooks:

[...] o significado da violação das mulheres negras escravizadas não foi simplesmente para “deliberadamente quebrar” a sua integridade sexual com fins económicos, mas tal conduziu à desvalorização da natureza feminina negra que permitiu construir na mente de todos os americanos o perfil do estatus social de todas as mulheres negras desde que a escravatura terminou. Uma vez vendo a televisão americana vinte e quatro horas por dia por uma semana inteira aprende-se a forma na qual é percebida a mulher negra na sociedade americana – a imagem predominante é a da mulher “decadente”, a vaca, a puta, a prostituta. (Hooks, 2014. P. 39)

O contexto histórico de *A falência* é o Brasil do pós-abolição, momento marcado pela marginalização da população negra. Schwarcz (1987) afirma que o país viveu uma “abolição sem inclusão”, em que os negros foram juridicamente libertos, mas social e economicamente excluídos. No romance, esse cenário se traduz na presença da personagem Sancha, que serve somente como pano de fundo para a narrativa central, sem voz ou desejos próprio — o que revela, simbolicamente, a continuidade das hierarquias raciais. Djamilá Ribeiro (2018) complementa esse pensamento ao defender a centralidade das vozes negras na produção de conhecimento e na reinterpretação da história brasileira. Sua obra ressalta a importância da representatividade como forma de combater o apagamento simbólico e histórico da mulher negra na cultura nacional — inclusive na literatura: “Quando falamos de ponto de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania.” (Ribeiro, 2017)

Sancha aparece na obra sem grande desenvolvimento psicológico ou trato narrativa. Sua função está atrelada às tarefas domésticas e à obediência às figuras brancas que compõem a elite do Rio de Janeiro da virada do século. O fato de sua identidade ser delimitada unicamente por seu papel funcional — “empregada das tias” — já aponta para o processo de desumanização que, conforme Fanon (1952), é um legado direto da lógica colonial e escravista. Como aponta Ribeiro (2017), Sancha não recebeu nenhuma das condições que pudessem permitir que ela tivesse algum acesso ou lugares de cidadania, sendo portanto, negado a ela o direito de coexistência, retirando-lhe completamente a voz e qualquer oportunidade de sair daquele lugar. Sancha é herdeira direta dessa continuidade histórica. Sua condição evidencia a transição do cativo legal para a servidão social. O espaço que ocupa na casa das tias, por exemplo, é o mesmo da senzala — embora agora disfarçado sob o discurso da modernização burguesa. Trata-se, portanto, de um cativo simbólico que, como analisa Lélia Gonzalez (1984), transforma a opressão racial e de gênero em normalidade cotidiana a fácil exploração de uma raça. “Para dizê-lo de outra forma, o preconceito racial é a atitude social que acompanha as práticas exploratórias raciais da classe dominante numa sociedade capitalista” A escassez de falas atribuídas a Sancha no texto revela um silenciamento intencional. Ela não é ouvida, não opina, não interfere nos rumos da história corroborando para a função histórica da literatura enquanto espelho — e, por vezes, mantenedora — das hierarquias sociais. Como observa Souza e Barros os estereótipos são:

constituintes de nossa memória sobre um indivíduo ou grupo de indivíduos. Eles também nos permitem reconstruir a memória que temos destes de modo a alterar a realidade na qual está inscrito de modo os textos culturais não apenas refletem a realidade, mas a constroem, legitimando ou desafiando normas sociais. No caso de *A falência*, a personagem negra reforça a ideia de que certos corpos “pertencem” a determinadas funções, um discurso que naturaliza a desigualdade. (Sousa e Barros, 2012. P.205)

Neste sentido, a ausência de qualquer arco narrativo para Sancha — nenhuma evolução, nenhuma reflexão, nenhum desfecho — escancara a marginalização simbólica da mulher negra na literatura canônica brasileira, contribuindo para a propagação de estereótipos negativos acerca do papel da mulher negra na sociedade. Ela está lá, mas não existe de fato como sujeito, não tem significância alguma para o clímax ou desenvolvimento da narrativa, Sancha desaparece como surge, sem a menor relevância.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem Sancha permite compreender como a mulher negra, mesmo após a abolição da escravatura, continuou sendo representada a partir de estigmas coloniais. A ausência de voz, identidade e subjetividade é reflexo de um projeto narrativo (e social) que a posiciona como um simples acessório na trama, funcional aos interesses da classe social dominante e invisível. Tal representação, ainda hoje recorrente em muitos discursos culturais, contribui para a manutenção das estruturas racistas e patriarcais na sociedade brasileira.

Portanto, reler obras como *A falência* a partir de uma lente crítica interseccional não apenas resgata figuras apagadas, como também propõe uma revisão da própria história literária, inserindo nela sujeitos que sempre estiveram presentes, mas nunca foram ouvidos. Permite-nos ainda refletir acerca da importância da representatividade nas obras literárias, como também o papel do escritor para a disseminação de discursos e comportamentos racistas, Júlia Lopes, apesar de ser mulher, e portanto, fazer parte de um grupo marginalizado, ao escrever este romance, eximiu-se da possibilidade de dar voz a outras mulheres, que pela visão da época as tinha como inferiores. É possível concluir, a partir desta análise que a autora, também contribuiu para uma visão machista, racista e subalterna de mulheres pretas na sociedade do final do Século XIX, que reverbera também na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A falência**. Jandira, SP: Pricipis, 2019.

BRASIL, Ministério do trabalho e emprego. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/emprego-domestico-no-brasil-e-formado-por-mulheres> Acesso em: 13 de Julho de 2025. conteudo/2024/Marco/emprego-domestico-no-brasil-e-formado-por-mulheres

CRENSHAW, Kimberle. **Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista.** Fórum Jurídico da Universidade de Chicago: feminismo na lei - teoria, prática e crítica. Chicago, p. 139-167, 1989.

_____ **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** *Estudos Feministas*. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 27/jul/ 2025

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]: Boitempo. São Paulo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador : EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos..** Rio de Janeiro: Editora schwarcz s.a, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade.* In: **Tempo Brasileiro.** Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Gueto, 2014.

HOLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala: feminismos plurais.** São Paulo: Polén, 2017.

SCHWARCZ, Lilian. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no fim do século XIX** São Paulo:Companhia das letras, 1987.

SOUSA, Karla Cristina Silva. BARROS, João de deus Vieira. **Revista Educação e Emancipação,** São Luís/ MA, v.5, n.2, jul/dez. 2012.